

UBATUBA: LUGAR EM CONFUSÃO – FILHOS CAIÇARAS, GENTE DA TERRA

ARAÚJO, João Henrique de Aguiar – joaoaguiar2001@yahoo.com.br

Relatar a história atual dos caiçaras de Ubatuba é reconstituir parte da nossa história perdida, a qual foi suprida de lutas, principalmente contra o sistema colonial, ademais, escravocrata. No Brasil, essa luta sistemática se deu de várias formas: levantes, insurreições, rebeliões, guerras e guerrilhas, todas contra um único sistema, e na sua maioria, contra o sistema colonial mercantil escravocrata que tinha por base econômica a monocultura da cana de açúcar no século XVI e do café no século XIX.

Sob esta constituição, muitos indígenas desta terra, como os quilombos deste lugar e os cidadãos desta atual cidade têm o direito de gozar deste espaço geográfico, pois são eles que definem o lugar, ainda pelo contexto histórico e geográfico que não se alterou acentuadamente, pois em um determinado período histórico, a definição dos objetos e dos lugares de desenvolvimento econômico de um país dependia destes em relação aos desejos humanos em conexão direta e, ou indiretamente com o mundo, ainda apresentado como medieval.

Ubatuba foi obrigado a transformar-se em um projeto falido, por fazer parte de uma expansão territorial, com base nas ferroviárias, que não vingaria ali, devido seu relevo acentuadíssimo, ou por ser um território que pelo número de confusões não viria a findar. Até mesmo, o terror do século XIX: a CIA Vergueiro se confundiu ao enviar “seus colonos” que iriam para Fazenda Ibicaba-SP para Ubatuba. (relato de Thomas Davatz: Memórias de um colono no Brasil, 1850.)

Este modo de organização estruturada sobre um projeto de Estado-não-nacionalista somente vingaria a favor à desestruturação dos territórios: partindo do lugar para reformulação social e cultural de outros territórios que interessasse aos próprios investidores comerciais, como foi o caso da expansão do oeste paulista.

O tratamento deve se voltar à questão fundiária federal desde o século XIX, neste caso específico, merecendo mais ênfase a geografia cultural, pois o meio constituído enquanto lugar, se deu na década de 60 do século XX com questões relacionadas à territorialidade e etnicidade, pois em nome de outros valores, como o consumismo e a especulação imobiliária.

A problemática sócio-ambiental dos distintos lugares em Ubatuba, principalmente dos lugares dos menos favorecidos (dos pobres, dos camponeses, dos quilombos, de modo geral, de todos caiçaras e dos indígenas) sobreviventes, não é tão diferente das demais situações fundiárias do resto do país, pois o histórico territorial foi determinado pelo mesmo sistema colonialista, posteriormente neocolonialismo, a efetivação dos lugares tem a mesma base e que muda é o desenvolvimento das técnicas e dos meios tecnológicos e informacionais, pois o mundo se concretiza ideologicamente em todos os lugares que o capital se aloja.

Segundo Rodrigues *“uma das formas da classe trabalhadora resolver seu problema de moradia é, comprando um lote em áreas da periferia pobre e geralmente em loteamentos clandestinos(...)”*(p.29).

Com base nesta afirmação, podemos tentar compreender Ubatuba por meio da sua urbanização precária e banal, pois sua flexibilidade enquanto cidade, não poderá ser entendida sem analisarmos a essência da sua existência enquanto agrária. Pois, esta realidade, ainda em processo de maturação não se deu no lugar, ou seja, os caiçaras não obtiveram devidamente as informações sobre como o seu espaço esta se concretizando geograficamente. Assim o acesso, mesmo a estes “lotes clandestinos” nunca se darão por concluído, pois o que se criou na cidade, não como urbano, mas como parte de um dado histórico e geográfico que ali se congelou, mas quase ninguém se deu conta que a cidade, o urbano, até mesmo o agrário, agora estão cercados por um “paradigma verde”, para o bem e para o mal estar de muitos, pois não foi ao contrário. Temos uma situação totalmente nova, ainda não estudada a fundo e somente teremos condições de entendê-la, quando realmente nos dispusermos à compreender como, por que e quando estas pessoas passaram a sobreviver neste lugar em confusão, enfim em Ubatuba.

E as pessoas que freqüentam este lugar, elas são capazes de perceber o que esta ocorrendo lá e no mundo que se reflete ali, ao mesmo tempo em que outros lugares? As pessoas: independentemente da sua classificação étnica: caiçaras, quilombos, indígenas, gostam deste lugar como ele é? Duvido!

Devido o dado crescente deste círculo comercial entre especuladores imobiliários e “ditadores ambientais” toda uma sociedade excluída passará a ser num futuro próximo, considerado invasores, predadores, e provavelmente criminosos. A sociedade não terá alternativa a não ser conviver em conflito consigo mesma, cotidianamente, inconscientemente, pois movimentos sociais emergirão já que muitas pessoas se negam a repensar o espaço do bem-estar, este espaço de sobrevivência, antes natural, agora artificial, mas ainda de sobrevivência.

Para Morin, em “Os sete saberes necessários à educação do Futuro” a afirmação do capítulo referente a “A ética do gênero humano”, deveríamos observar que: *“As interações entre indivíduos produzem a sociedade e esta retroage os indivíduos”*. Assim, *“a cultura, no sentido genérico, emerge destas interações, reúne-se e confere-lhes valor”*. Neste caso, *“indivíduo / sociedade / espécie, sustentam-se, pois, em sentido pleno; apóiam-se, nutrem-se e reúnem-se”*(p.105).

Desta forma, nossa hipótese parte do pensamento urgente das reais conseqüências causadas pela especulação imobiliária no litoral paulista em relação às conseqüências do fruto de um esgotamento social motivado imposição ditatorial deste mundo globalizado.

As condições empíricas da mutação estão sendo acionadas a partir de premissas, compreendidas por meio da reemergência das massas, que segundo Santos, isto nos sirva como contribuição, pois temos de partir da investigação das migrações políticas ou econômicas em relação direta à ampliação da vocação atual para a mistura intercontinental e intranacional de povos, raças, religiões, gostos, assim como pela tendência crescente de aglomeração da população em alguns lugares. E essa urbanização concentrada já foi revelada desde os últimos vinte anos.

BIBLIOGRAFIA:

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo, Ed. Ática, 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Lugar na Cidade: conhecimento e diálogo**. In Território Brasileiro: Usos e abusos; (org.) Sousa, M.A.[et al]. Campinas: Edições TERRITORIAL, 2003.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **O lugar no mundo contemporâneo: turismo e urbanização em Ubatuba-SP** / Maria Tereza Duarte Paes Luchiari. – Campinas: [s.n.], 1999. Tese de doutorado – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Caterina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. – 2.ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. – São Paulo: Contexto, 1998. (repensando a geografia).

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado – fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo, Editora HUCITEC, 1997.

_____. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.